

# BYUNG-CHUL HAN


# INFO

BYUNG-CHUL HAN

Infocracia

Digitalização e a crise da  
democracia

# CRAC

 EDITORA  
VOZES

## Regime de informação

Chamamos regime de informação a forma de dominação na qual informações e seu processamento por algoritmos e inteligência artificial determinam decisivamente processos sociais, econômicos e políticos. Em oposição ao regime disciplinar, não são *corpos e energias* que são explorados, mas *informações e dados*. Não é, então, a posse de meios de produção que é decisiva para o ganho de poder, mas o acesso a dados utilizados para vigilância, controle e prognóstico de comportamento psicopolíticos. O regime de informação está acoplado ao capitalismo da informação, que se desenvolve em capitalismo da vigilância e que degrada os seres humanos em gado, em *animais de consumo e dados*.

O regime disciplinar é a forma de dominação do capitalismo industrial. Assume, ele

mesmo, uma forma maquinal. Todos e cada um são uma roldana no interior da maquinaria disciplinar do poder. O poder disciplinar penetra nos nervos e nas fibras musculares e faz “de uma massa disforme, de um corpo inábil” uma “máquina”<sup>1</sup>. Fabrica corpos “dóceis”: “dócil é um corpo que pode ser submetido, que pode ser explorado, que pode ser remodelado e aperfeiçoado”<sup>2</sup>. Corpos dóceis como máquinas de produção não *portam dados e informações*, mas *energia*. No regime disciplinar, os seres humanos são adestrados em um *animal do trabalho*.

O capitalismo da informação, assentado sobre a comunicação e a conexão, torna obsoletas técnicas disciplinares como a isolamento espacial, a regulamentação rigorosa do trabalho ou o adestramento corporal. A “docilidade” (*Gehrigkeit*, a capacidade de aprender, como em alemão se traduziu o termo francês *docilité*), que significa também obediência ou ductilida-

1. FOUCAULT, M. *Überwachen und Strafen. Die Geburt des Gefängnisses*. Frankfurt am Main, 1977, p. 173 [trad. bras.: *Vigiar e punir*. Petrópolis: Vozes, 2007].

2. *Ibid.*, p. 174-175.

de, não é o ideal do regime da informação. O sujeito submisso do regime de informação não é nem dócil, nem obediente. Ao contrário, supõe-se *livre, autêntico e criativo. Produz-se e se performa*.

O regime disciplinar de Foucault aplica o isolamento como meio de dominação: “a isolamento é a primeira condição da submissão total”<sup>3</sup>. O panóptico, com celas isoladas umas das outras, é o símbolo e o ideal do regime disciplinar. O isolamento não pode mais ser transposto ao regime da informação, que explora, justamente, a comunicação. A vigilância no regime da informação ocorre por meio de dados. Os reclusos isolados do panóptico disciplinar não produzem dados, não deixam rastros de dados, pois *não se comunicam*.

O alvo do poder disciplinar biopolítico é o corpo: “para a sociedade capitalista, é a biopolítica que conta o biológico, o somático, o corporal”<sup>4</sup>. No regime biopolítico, os corpos

3. *Ibid.*, p. 304.

4. FOUCAULT, M. Die Geburt der Sozialmedizin [O nascimento da medicina social]. In: *Schriften in vier Bänden [Escritos em 4 tomos]*. Tomo 3. Frankfurt am Main, 2003,

são arreados em um maquinário de produção e vigilância que o otimiza por meio da ortopedia disciplinar. O regime da informação, porém, cujo surgimento Foucault evidentemente não percebeu, não segue uma *biopolítica*. Seu interesse não está no corpo. Apodera-se da *psique* pela *psicopolítica*. O corpo é, hoje, em primeira linha um objeto da estética e do fitness. Ele está, ao menos no capitalismo ocidental da informação, em sua maior parte livre do poder disciplinar que o adentra em máquina do trabalho. É, então, absorvido pela indústria da beleza.

Cada dominação segue sua própria *política de exibição*. No regime da soberania, encenações suntuosas do poder são essenciais para a dominação. O teatro é o meio. A dominação se apresenta no brilho teatral. Sim, é o *brilho* que a legitima. Cerimônias e símbolos do poder estabilizam a dominação. Coreografias populares e acessórios da violência, a festa sorumbática e o cerimonial do castigo pertencem

p. 272-297, aqui p. 275. [trad. bras.: "O nascimento da medicina social". In: MACHADO, R. (org.). *Microfísica do poder*. São Paulo: Graal, 1984, p. 79-98].

cem à dominação como teatro e espetáculo. O martírio corporal é posto em exibição popular. A esfera pública é um palco. O poder da soberania atua pela visibilidade teatral. É um poder que se faz ver, se manifesta, se vangloria e irradia. Os subjugados, contudo, sobre os quais se desenvolve, ficam, em grande medida, invisíveis.

Em oposição ao regime de soberania pré-moderno, o regime disciplinar moderno não é uma sociedade do teatro, mas uma sociedade da vigilância. Festas suntuosas da soberania e exibições espetaculares do poder dão lugar a burocracias nada espetaculares da vigilância. As pessoas "não são postas sobre o palco, nem classificadas por estamentos", mas arreadas na "engrenagem da máquina panóptica"<sup>5</sup>. No regime disciplinar, a relação da visibilidade se inverte completamente. O que é feito visível não são os dominadores, mas os dominados. O poder disciplinar se faz invisível, enquanto aos súditos é imposta uma visibilidade permanente. Com isso, o acesso do poder é assegurado e os

5. FOUCAULT, M. *Überwachen und Strafen*. Op. cit., p. 279.

submetidos ficam expostos no foco da iluminação. O "ser-visto ininterrupto" é o que mantém o indivíduo disciplinar em sua submissão<sup>6</sup>.

A eficiência do panóptico disciplinar consiste em que os reclusos se sintam constantemente vigiados. Eles interiorizam a vigilância. É essencial para o poder disciplinar a "criação de um estado de visibilidade consciente e permanente"<sup>7</sup>. No estado da vigilância de George Orwell, o Big Brother cuida da visibilidade constante: *Big Brother is watching you* (o Grande Irmão está vigiando você). No regime disciplinar, medidas espaciais, como inclusão e isolamento, garantem a visibilidade dos submissos. A estes são impostas no espaço determinadas posições que não devem ser abandonadas. A mobilidade é restringida de modo massivo, fazendo com que não sejam capazes de se livrar do acesso panóptico.

Na sociedade da informação, os locais de incorporação do regime disciplinar se desfazem em redes abertas. Para o regime da infor-

6. Ibid., p. 241.

7. Ibid., p. 258.

mação, valem os seguintes princípios topológicos: descontinuidades são reduzidas em prol de continuidades. No lugar de encerramentos e conclusões, aparecem aberturas. Celas isoladas são substituídas por redes de comunicação. A visibilidade é, então, produzida de toda outra maneira, *não pelo isolamento, mas pela conexão*. A técnica digital da informação faz com que a comunicação vire vigilância. Quanto mais geramos dados, quanto mais intensivamente nos comunicamos, mais a vigilância fica eficiente. O telefone móvel como aparato de vigilância e submissão explora a liberdade e a comunicação. Nos regimes de informação, as pessoas não se sentem, além disso, vigiadas, mas livres. Paradoxalmente, é o sentimento de liberdade que assegura a dominação. Nisso se distingue fundamentalmente o regime da informação do regime disciplinar. *A dominação se faz no momento em que liberdade e vigilância coincidem*.

O regime de informação se garante sem uma coação disciplinar. Às pessoas não são impostas uma visibilidade panóptica. Ao contrário, desnudam-se sem qualquer coação ex-

terna por necessidade interior. *Produzem-se, ou seja, se põem em cena. Em francês, se produire significa deixar-se ver.* No regime de informação, as pessoas se empenham *por si mesmas* à visibilidade, enquanto no regime disciplinar isto lhes é imposto. Metem-se voluntariamente no foco de luz, até mesmo desejam isso, enquanto os reclusos do panóptico disciplinar procuram sair dele.

*Transparência* significa a política do se tornar visível do regime da informação. Quem só faz alusão à política pública da informação de uma instituição ou pessoa, ignora seu alcance. A transparência é a *coaço sistêmica do regime de informação*. O imperativo da transparência é: *tudo deve estar disponível na condição de informação*. Transparência e informação têm o mesmo significado. A sociedade da informação é a sociedade da transparência. O imperativo da transparência faz com que as informações circulem livremente. Não são as pessoas que são realmente livres, mas as informações. O paradoxo da sociedade de informação é: *as pessoas estão aprisionadas nas informações*. Afivelam elas mesmas os grilhões ao se comunica-

rem e ao produzirem informações. *O presídio digital é transparente.*

A loja modelo da Apple em Nova Iorque é um cubo de vidro. É um *templo da transparência*. O que cumpre a função do tornar visível na política é a contrafigura arquitetônica da Caaba em Meca. Caaba significa literalmente cubo. Um manto preto cerrado a despoja de visibilidade. Apenas os sacerdotes têm acesso ao interior da construção. O *arcano* que se nega a toda visibilidade é constitutivo da dominação teopolítica. O espaço mais interior, privado de visibilidade, no templo grego se chama *áditio* (literalmente: inacessível). Apenas sacerdotes têm acesso ao espaço sagrado. A dominação se funda aqui no arcano. A loja transparente da Apple, contudo, fica aberta dia e noite. É no subsolo que as vendas acontecem. Como clientes, todos podemos acessá-la. A Caaba com manto preto e a loja de vidro da Apple ilustram duas formas distintas de dominação: *arcana e transparente.*

Pode ser que o cubo de vidro da Apple sugira liberdade e comunicação ilimitada, mas, na realidade, incorpora a *dominação impiedosa*

da informação. O regime de informação torna o ser humano completamente transparente. A própria dominação nunca é transparente. Não há *dominação transparente*. A transparência é o lado da frente de um processo que se despoja de visibilidade. A própria transparência nunca é transparente. Ela tem um lado de trás. *A sala de máquinas da transparência é escura*. Desse modo, denunciemos o poder que se torna cada vez maior da caixa-preta algorítmica.

A dominação do regime de informação é ocultada, na medida em que se funde completamente com o cotidiano. É encoberta atrás da complacência das mídias sociais, da comodidade das máquinas de busca, das vozes embalantes das assistentes de voz ou da oficiosidade prestativa dos *smart apps*, os aplicativos inteligentes. O *smartphone* se revela como um *informante* eficiente, que nos submete a uma vigilância duradoura. A *Smart Home*, a casa inteligente, transfigura a casa toda em uma prisão digital que protocola minuciosamente nossa vida cotidiana. O robô-aspirador-de-pó *smart*, que nos poupa da limpeza cansativa, mapeia a casa toda. A *Smart Bed*, a cama inteligente, com seus sensores co-

nectados, prolonga a vigilância também durante o sono. A vigilância infiltra-se no cotidiano na forma da *conveniência*. No presídio digital como zona de bem-estar *smart* não se ergue nenhuma oposição contra o regime dominante. O *Like* exclui toda revolução.

O capitalismo da informação se apropria das técnicas de poder neoliberais. Em oposição às técnicas do poder do regime disciplinar, não trabalham com coação e interdições, mas com *estímulos positivos*. Exploram a liberdade, em vez de a reprimir. Conduzem nossa vontade a âmbitos inconscientes, em vez de romper com ela com violência. O poder disciplinar repressivo dá lugar a um poder *smart*, que não dá ordens, mas *sussurra*, que não comanda, mas que *nudge*, quer dizer, que *dá um toque* com meios sutis para controlar o comportamento. *Vigiar e punir*, as características do regime disciplinar de Foucault, dão lugar a *motivar e otimizar*. No regime de informação neoliberal, a dominação se dá como *liberdade, comunicação e Community*, comunidade.

Os *influencers* no YouTube e no Instagram também interiorizaram técnicas de poder neo-

liberais. Não importa se influencer Fitness, de beleza ou de viagem, invocam sem parar liberdade, criatividade e autenticidade. Propagandas, nas quais os produtos enviados encaixam em sua autoencenação, não passam a sensação de serem maçantes. São, assim, especialmente procuradas e cobiçadas, enquanto anúncios convencionais no YouTube são excluídos pelo Ad-Blocker. Os *influencers* são adorados como modelos. Tudo assume, desse modo, uma dimensão religiosa. Influenciadores do tipo de treino motivacional se comportam como se fossem redentores. Os *Followers*, os seguidores, se comportam como discípulos, participando de sua vida, na medida em que compram produtos que pretendem consumi-los em seu próprio cotidiano encenado. Os *followers* participam, assim, de uma *eucaristia digital*. Mídias sociais se assemelham a uma igreja: *Like é amém. Compartilhar é comunicação. Consumo é redenção*. A repetição como dramaturgia do *influencer* não leva ao tédio e à rotina. Ao contrário, dá ao todo o *caráter de uma liturgia*. Ao mesmo tempo, os influenciadores deixam aparecer produtos de consu-

mo como utensílios de autorrealização. Desse modo, consumimo-nos até a morte, enquanto nos realizamos para a morte. Consumo e identidade se tornam a mesma coisa. A identidade é, ela própria, uma mercadoria.

Nós nos imaginamos em liberdade, enquanto nossa vida está submetida a uma protocolização total para o controle psicopolítico do comportamento. No regime de informação neoliberal, não é a consciência da vigilância permanente que garante o funcionamento do poder, mas a *liberdade sentida*. Em oposição àquela teletela *intangível* do Big Brother, a *Touchscreen smart* torna tudo disponível e consumível. Produz, assim, a ilusão de uma “liberdade da ponta dos dedos”<sup>8</sup>. No regime de informação, *ser livre* não significa *agir*, mas clicar, curtir e postar. Não surge, assim, nenhuma resistência. Não é preciso temer nenhuma revolução. Dedos não são capazes de ação em sentido enfático (*Handlung*, a palavra alemã para “ação”, é, literalmente, o que é feito pelas *mãos*).

8. FLUSSER, V. *Dinge und Undinge*. Phänomenologische Skizzen [*Coisas e não coisas*. Rascunhos fenomenológicos]. Munique, 1993, p. 87.



São meramente um *órgão de escolha consumista*. Consumo e revolução se excluem.

Uma das principais características do totalitarismo clássico como religião política secular é a ideologia que erige uma “exigência de explicação total do mundo”. A ideologia como *narrativa* promete “a explicação total de tudo que acontece historicamente, e também a explicação total do passado, o conhecimento total de si no presente e o prognóstico confiável do futuro”<sup>9</sup>. A ideologia como explicação total do mundo suprime toda experiência contingente, toda incerteza.

Com seu dataísmo, o regime de informação revela traços totalitários. Aspira ao saber total. Mas o saber total dataísta não é alcançado pela *narração* ideológica, mas pela *operação* algorítmica. O dataísmo quer *calcular* tudo que é e será. O Big Data não *conta*, não *narra*. Contos e narrativas dão lugar às contas algorítmicas. O regime de informação substi-

9. ARENDT, H. *Elemente und Ursprünge totaler Herrschaft* [Elementos e origens do totalitarismo]. Munique, 2006, p. 964 [trad. bras.: *Origens do totalitarismo: Antissemitismo, Imperialismo, Totalitarismo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997].

tui completamente a narrativa pelo numérico. Algoritmos, não importa o quão inteligentes possam ser, não são capazes de eliminar a experiência da contingência de maneira tão eficaz quanto uma narrativa o é.

O totalitarismo dá adeus à realidade, tal qual ela nos é *dada* [gegeben] por nossos cinco sentidos. Constrói uma realidade *própria* atrás do *dado* [gegeben], fazendo necessário um sexto sentido. O dataísmo, ao contrário, se sustenta sem o sexto sentido. Não transcende a *imanência do que está dado* [gegeben], ou seja, os *dados* [Daten]. A palavra *datum*, em latim, que vem de *dare* (dar, *geben* em alemão), significa literalmente o *dado* [Gegebene]. O dataísmo não imagina uma outra realidade atrás do que está dado [Gegebenen], do *dado* [Daten], pois é um *totalitarismo sem ideologia*.

O totalitarismo forma uma massa obediente que se submete a um *Führer*, a um líder. A ideologia anima a massa. Ela lhe insufla uma *alma*. Gustave Le Bon falava, assim, em *Psicologia das massas*, da alma da massa que uniformiza a ação da massa. O regime da informação, contudo, *singulariza* as pessoas.

Mesmo quando se reúnem, não formam uma massa, mas enxames digitais que não seguem um *Führer*, um líder, mas seus *influencers*.

Mídias eletrônicas são, nesse sentido, mídias de massa, uma vez que produzem um ser humano da massa: “O ser humano da massa é o habitante eletrônico do globo terrestre e está conectado ao mesmo tempo com todas as outras pessoas, como se fosse um espectador de um estádio esportivo global”<sup>10</sup>. O ser humano da massa não tem identidade. Ele é “ninguém”. Mídias digitais põem fim ao tempo do ser humano de massa. O habitante do globo terrestre digitalizado não é “ninguém”. É, ao contrário, um *alguém com perfil*, enquanto na era da massa, apenas criminosos tinham perfil. O regime de informação se apodera dos indivíduos, à medida que lhes elabora seus *perfis de comportamento*.

Para Walter Benjamin, a câmera do filme outorga o acesso a uma forma particular de inconsciente. Ele o chama de “inconsciente óp-

10. MCLUHAN, M. *Wohin steuert die Welt? Massenmedien und Gesellschaftsstruktur* [Aonde vai o mundo? Mídias de massa e estrutura da sociedade]. Viena, 1978, p. 174.

tico”. *Close-ups* e câmera lenta tornariam visíveis micromovimentos e ações imperceptíveis a olho nu. Levariam à aparição de um espaço inconsciente: “o inconsciente óptico experimentamos primeiro por ela [a câmera], assim como o inconsciente-pulsional pela psicanálise”<sup>11</sup>. Os pensamentos de Benjamin sobre o inconsciente óptico podem ser transpostos ao regime da informação. Big Data e inteligência artificial constituem uma *lupa digital* que explora o inconsciente, oculto ao próprio agente, atrás do espaço de ação consciente. Em analogia ao inconsciente óptico, podemos chamá-lo de *inconsciente digital*. O Big Data e a inteligência artificial levam o regime da informação a um lugar em que é capaz de influenciar nosso comportamento num nível que fica abaixo do limiar da consciência. O regime da informação se apodera das camadas pré-reflexivas, pulsionais, emotivas, do comportamento antepostas às ações conscientes. Sua psicopo-

11. BENJAMIN, W. *Das Kunstwerk im Zeitalter seiner technischen Reproduzierbarkeit* [A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica]. Frankfurt am Main, 1963, p. 36. [trad. bras.: *A obra de arte na era de sua reprodutibilidade técnica*. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2019].

lítica dado-pulsional intervém em nosso comportamento, sem que fiquemos conscientes dessa intervenção.

Toda mudança decisiva de mídia produz um novo regime. *Mídia é dominação*. Perante a revolução eletrônica, Carl Schmitt se viu coagido a redefinir sua famosa proposição sobre a soberania: “Após a Primeira Guerra, eu disse: ‘soberano é quem decide sobre o estado de exceção’. Após a Segunda Guerra, diante da morte, digo agora: ‘soberano é quem dispõe das ondas do espaço’”<sup>12</sup>. Mídias digitais produzem a dominação da informação. As ondas, as mídias de massa eletrônica, perderam significado. Decisivo para o ganho de poder é, então, a posse de informações. Não é a propaganda em mídias de massa, mas as informações que garantem a dominação. Face à revolução digital, Schmitt poderia querer reescrever mais uma vez sua proposição sobre a soberania: *soberano é quem dispõe das informações em rede*.

---

12. LINDER, C. *Der Bahnhof von Finnentrop – Eine Reise ins Carl Schmitt Land [A estação de Finnentrop – Uma viagem à terra de Carl Schmitt]*. Berlim, 2008, p. 423.